

# Modernidade, Cristianismo e Igreja<sup>1</sup>

Breves apontamentos para um resgate histórico

Mário Francisco Tessmann<sup>2</sup>

## A. A Emergência do Mundo Moderno

Martin Rade<sup>3</sup> escreveu em setembro de 1914, no semanário “O Mundo Cristão” (Die Christliche Welt), acerca da bancarrota do cristianismo eclesiástico, em especial em função da guerra entre países cristãos, mas não apenas. Antes da guerra, segundo Rade, a modernidade já havia começado a corroer o cristianismo eclesiástico

Para entendermos esta afirmação de Rade, precisamos tentar delinear, ainda que grosso modo um pouco o que se pode entender inicialmente acerca deste fenômeno histórico-cultural designado de modernidade.

Em linhas gerais pode-se dizer que com final do século XVII e o início do século XVIII encerra-se na Europa uma forma cultural de viver, e tem início uma outra cultura, não mais eclesiástica.

A destruição do supranaturalismo eclesiástico é o ponto de partida, o núcleo da cultura moderna, e nisto ela está em contraposição à visão medieval. Esta oposição seria mal-entendida, caso a queiramos compreender no sentido de anti-cristianismo. Na verdade, esta oposição dirige-se contra o cristianismo existente então, contra a sua fundamentação e as suas doutrinas.

É importante lembrar ainda que esta oposição baseia-se no fato de que a instituição eclesiástica na época administrava o conceito de religião de forma dogmática, procurando permear todas as demais instituições da sociedade e a vida intelectual com este caráter dogmático-absolutista da religião.

Já para a modernidade nascente, com os seus seguidores, o que é verdade tem apenas uma natureza subjetiva, e não pode reivindicar uma natureza de autoridade sobrenatural. Este é o ponto nevrálgico. O que está em jogo não é a religião propriamente dita – para alguns é isto até vai acontecer – mas sim o domínio eclesiástico sobre a

---

<sup>1</sup> Para entender detalhadamente as complexas relações entre Modernidade, Cristianismo e Igreja a obra de Emanuel Hirsch, *Geschichte der Neuern Evangelischen Theologie* permanece uma referência indispensável, em especial, o volume 5, pp. 145-231.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Universidade Karl Ruprecht de Heidelberg (1992-1998), Alemanha. Desde 2003, é professor na Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba (FATEV), ocupando a cadeira de Teologia Histórica. Exerce também a função de vice-diretor da instituição.

<sup>3</sup> Martin Rade (1857-1940) foi pastor, professor de teologia evangélica e editor do semanário “O Mundo Cristão”.

religião. Esta contestação gerou paulatinamente a separação entre religião e teologia na modernidade.

Dentro desta moldura histórico-cultural emerge o indivíduo moderno, com sua ênfase na vida aqui. A vida para além desta realidade vai perdendo sua importância, sem ser negada.

## **B. O descompasso entre o cristianismo eclesiástico e a ética moderna**

É importante lembrar que não é apenas uma nova cultura com seus desdobramentos científicos que atua sobre o cristianismo. Vale mencionar aqui que as noções de ética e de religião, procuram se emancipar da Igreja.

A revolução inglesa é o ponto de partida para criação de uma nova ética. Thomas Hobbes<sup>4</sup> elabora os passos, à luz de suas vivências, da idéia de um estado soberano e absoluto, cujas leis provêm da razão e do universo, e não mais da religião.

A ética pessoal agora começa a orientar-se pelas chamadas “virtudes naturais”, oriundas da lei moral racional existente no ser humano. As igrejas e a cultura eclesiástica vão ser segregadas, afastadas de sua influência sobre a ética da sociedade e do estado. Elas podem apenas colaborar na promoção de virtudes particulares.

O conteúdo desta ética moderna não é mais os Dez Mandamentos, como revelação da vontade divina, mas sim ele é oriundo da razão natural humana. Neste sentido, o modelo clássico de ética provém de Kant, que renuncia a qualquer elaboração material da mesma, entregando à livre consciência e as convicções pessoais as decisões éticas. Para os modernos, os tempos em que o estado e a igreja unidos davam as coordenadas éticas pertencem ao passado.

## **C. A compreensão moderna de religião e sua influência sobre o cristianismo**

Não há dúvida de que a nova compreensão ética é uma das marcas mais visíveis deste novo tempo. Mas ela não está sozinha. Um novo conceito de religião também emerge nesta época.

No período da cultura eclesiástica(até o século XVII), imaginar e conceber um conceito genérico de religião seria uma ofensa à reivindicação absoluta da verdade, revelada e

---

<sup>4</sup> Thomas Hobbes (1588-1679) é o autor de obra *Leviatã*, um clássico do absolutismo político. A revolução inglesa foi iniciada por Oliver Cromwell em 1642, e terminou com a execução do rei Carlos I em 1649.

transmitida pela Igreja.

Coube aos ingleses darem início a um novo conceito geral de religião. O grupo que formula esta nova compreensão de religião designa-se de deísta. Eles partem do pressuposto de que existe uma fé geral, natural em Deus, e que ela é base psicológica comum para todas as formações religiosas. Este núcleo comum<sup>5</sup>, geral é o instrumento dos deístas para combater as particularidades das religiões positivas, reveladas.

Inicialmente o Deísmo foi levado adiante por escritores de pequena importância, que estavam interessados em detectar os elementos comuns entre as confissões em litúrgia. Foi, no entanto, com John Locke que o deísmo alcançou a sua popularização, dentro e fora da Inglaterra. Para Locke<sup>6</sup> o cristianismo aparece como aquela religião que concretiza as aspirações das religiões naturais.

Neste sentido, pode-se perceber que o conceito de religião na modernidade tem sua base na psicologia, ou seja, nas leis naturais que conduzem a alma. Isto significa que religião não parte mais da Bíblia e dos dogmas eclesiásticos, mas sim dos fatos da alma. Aqui está a sua origem e sua base de estudo.

#### **D. A eclesiologia que emerge na cultura moderna**

Todas estas idéias que estavam no ar foram chegando gradativamente ao duro chão da realidade. Neste contexto de modernidade, o estado define-se como neutro perante a igreja. Isto a obriga necessariamente a gerar um novo conceito acerca de si mesmo a partir destes fatos.

A idéia fundamental da cultura medieval e eclesiástica é que a igreja e o estado eram dois organismos que trabalhavam em acordo para a consolidação do “Corpus Christianum”. A Reforma Evangélica nasceu dentro desta constelação, mesmo que Lutero afirmasse que “a fé é uma obra livre, para o qual ninguém pode ser coagido”<sup>7</sup>. Pode-se dizer, com alguma certeza, de que a secularização do estado é um dos fatos mais importantes do mundo moderno.

Neste contexto, o estado entrega a igreja a si mesma, o que a obriga a pensar uma nova eclesiologia. O novo modelo de ser igreja segue de maneira análoga a idéia de

---

5 Fazem parte deste núcleo comum 3 aspectos: 1. A crença em Deus como Criador do mundo; 2. A crença na imortalidade da alma; 3. A crença de que fomos criados para sermos felizes, e rejeitarmos o sofrimento.

6 John Locke(1632-1704) foi filósofo político inglês. Sua obra clássica trata do “Governo Civil”. Defendeu arduamente a tolerância religiosa em sua época.

7 WA(Weimar Ausgabe) 11,264. Gogarten lembra, no entanto, que Lutero também salienta que “die Obrigkeit müsse um der staatlichen Ordnung willen für die Einheitlichkeit der Gottesverehrung in ihrem Gebiet sorgen” [a autoridade secular precisa ocupar-se, em função da ordem do estado, com a uniformidade da adoração a Deus em sua região.]( p.323).

contrato do estado. Em lugar de uma instituição estabelecida por Deus de forma sobrenatural, o que prevalece agora na modernidade é a idéia de corporação (associação).

Não é Deus, e nem um milagre do alto que estabelece a instituição religiosa, mas sim ela é fruto da associação voluntária dos que crêem, para realizar sua adoração conjunta, bem como para confirmar a sua fé (Schleiermacher). A igreja deixa de ser uma instituição divina para tornar-se uma sociedade religiosa, uma comunidade de fé, que se concretiza primeiramente na comunidade local, e que de maneira associativa formam a igreja como corpo maior.

É importante lembrar que num estado sem confissão religiosa oficial, cristão é aquele que assim deseja ser. Não existe – ou não deveria existir mais – qualquer tipo de coerção para a participação. A participação na sociedade religiosa é um assunto de convicção pessoal. Há de se reconhecer que, historicamente falando, o calvinismo se desenvolveu com mais facilidade neste novo ambiente, por valorizar o indivíduo e o independentismo. Para as regiões luteranas a situação é mais complexa. Os princípios da individualidade moderna foram colocados para dentro da igreja. A convicção religiosa é assunto de consciência, e ninguém pode ser obrigado a crer.

Este novo modelo de Igreja não é uma simples ruptura com o estado. O dilema é um pouco mais profundo. Tanto a igreja católica, como as igrejas oriundas da reforma partiam do princípio igreja-instituição divina de redenção, que ofereciam pelos meios da graça (palavra e sacramentos) a salvação ao mundo perdido. Nesta concepção, as igrejas particulares (confissões e igrejas locais) são expressões desta igreja-instituição de salvação.

Já na visão moderna, não existe mais uma verdade revelada, de natureza dogmática, a ser mediada e administrada pela igreja. A igreja é vista agora como uma comunidade espiritual, que tem aspectos legais a serem considerados, que estão presente em todas as confissões. Em cada confissão existem elementos de verdade, que necessita continuamente de uma crítica purificadora.

Para os modernos, o que revelação trouxe não foi estabelecimento de uma igreja-instituição de salvação, nem uma verdade objetiva, dogmática, e nem ainda o milagre da salvação pelos meios da graça, mas sim a revelação do poder pessoal de vida oriundo de Jesus Cristo. Quem agora “agarra” esta vida, ou é “agarrado” por ela, este se associa à comunidade dos que tem o mesmo sentimento religioso. Esta comunidade agora procura elaborar suas concepções teológicas, referentes aos dogmas, à Bíblia e aos sacramentos.

Neste quadro, o estímulo espiritual gera comunidades que formam a igreja, e não as comunidades são uma derivação da igreja. Por isto, um número diverso de igrejas não deveria ser surpresa. As diferentes maneiras de agir do Espírito produzem diferentes igrejas, como dogmas, cultos e concepções legais distintos, bem como com diferentes entendimentos da Bíblia. Neste sentido, onde não mais predomina a idéia da igreja-instituição de salvação, mas sim prevalece a compreensão de que a espiritualidade é um elemento natural e psicológico do ser humano, a diversidade de igrejas não é um problema. Dito de outra maneira: onde o milagre não mais consiste na instituição da igreja, e na comunicação de uma verdade dogmática, mas sim no estímulo geral de uma vida pessoal e ética, ali as igrejas serão entendidas e organizadas como instituições úteis a vida humana.

Merece destaque aqui, de maneira renovada, a idéia da adesão voluntária neste ambiente de modernidade. Ela é cada vez mais um pressuposto para esta visão eclesiológica. Também os tempos do grande domínio da igreja sobre a cultura vão indo para o passado. Às igrejas tem agora o desafio de integrar a dimensão subjetiva de seus fiéis para dentro de seus espaços litúrgicos, teológicos e diaconais.

O lugar social das igrejas, como já mencionado, mudou. Como instituições elas não exercem maior influência sobre a história de seus povos, com algumas exceções naturalmente. No geral, elas vão perdendo lugar para outras associações dentro da política interna (partidos, sindicatos, etc.). As igrejas começam a voltar-se mais para suas próprias reflexões internas, para os seus caminhos, como já ocorreu na Igreja Antiga.

A mudança na maneira de compreender a religião na modernidade gerou alterações mais profundas do que somente ajustes institucionais e legais, de relação de poder ou de jogo de forças entre igreja e estado. Para os modernos, o Evangelho é uma coisa, a verdade eclesiástica é outra. Isto significa, como já foi mencionado em outro momento, que é indispensável distinguir entre religião e teologia.

Neste sentido, o pensamento religioso moderno é menos dogmático, e menos eclesiástico. Ele procura favorecer a opinião individual, formada pelo estímulo do Evangelho, e inseri-lo num contexto de comunhão. Os modernos percebem que a religião é algo anárquico, de fortes marcas subjetivas, e que necessita de uma âncora, de um elemento de consistência histórica.

Um dos grandes dilemas no que concerne ao pensamento religioso nesta realidade, dito com reservas, é a relação entre elementos objetivos e subjetivos. Esta equação

tornou-se um dos principais problemas das igrejas na modernidade, e ainda o é hoje. Para a angústia de muitos, bem como para uma atitude defensiva das igrejas, o mundo moderno não passa de um anarquismo. Cabe lembrar, no entanto, que o ser humano, permeado pela modernidade, não é um ser a-religioso e a-cristão, em linhas gerais, mas ele é muitas vezes um ser a-elesiático.

Da mesma forma que a modernidade relativiza o conceito de igreja, ela também relativiza a idéia da doutrina revelada. Assim como é possível existir diferentes possibilidades de formação de igreja lado a lado, assim também podem existir várias possibilidades de entender a mensagem cristã, uma vez que não é mais aceita uma leitura dogmática do Evangelho. Para as igrejas da reforma que partem do primado de que o conhecimento religioso é o que forma o pensamento, a visão moderna atinge em cheio esta percepção. Ela gera uma variedade de interpretações em torno de temas e funções da igreja, tais como culto, teologia, ministério entre outros.

O caminho neste campo minado de relativizações leva inevitavelmente para aquilo que é o mais simples, o mais interior, ao que envolve os sentimentos e o afeto. É de alguma forma uma redução racionalista aos elementos fundamentais da religião, e que acaba dando ao cristianismo moderno, se assim pode-se dizer, um caráter permanente de busca, de anseio, visto que os elementos objetivos desapareceram, e a religião anda aos saltos na subjetividade anárquica. Um cristianismo não-dogmático, o qual, no entanto, não dispensa a reflexão e a clareza de pensamento, é um problema gestado no mundo moderno, e ele está colocado nas mãos das igrejas.

Interrompo aqui, mencionando o que Ernst Troeltsch em certa ocasião expressou, ao concluir um de seus escritos: "Assim tudo aqui está incompleto, e o futuro se manifesta cheio de problemas".

## BIBLIOGRAFIA:

1. Berger, Peter, *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A Orientação do Homem Moderno*, Peter L. Berger/ Thomas Luckmann, Petrópolis: Vozes, 2004.
2. Graf, Friedrich Wilhelm, *Die Wiederkehr der Götter: Religion in der Modernen Kultur*, München: Beck, 2007;
3. Gogarten, Friedrich, *Der Mensch zwischen Gott und Welt*, Stuttgart: Friedrich Vorwerk, 1956;
4. Hirsch, Emanuel, *Die Umformung des christlichen Denkens in der Neuzeit*, Tübingen: Mohr, 1938;
5. \_\_\_\_\_, *Geschichte der Neuern Evangelischen Theologie*, Vol. 5, Gütersloh: Bertelsmann, 1954;
6. Hervieu-Lèger, Daniele, *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento*, Petrópolis: Vozes, 2008;
7. Libânio, João Batista, *Qual o Futuro do Cristianismo*, São Paulo: Paulus, 2006;
8. Lipovetsky, Gilles, *Metamorfoses da Cultura Liberal: Ética, Mídia e Empresa*, Porto Alegre: Sulina, 2004;
9. Moura, Carlos Alberto Ribeiro de, *Nietzsche: Civilização e Cultura*, São Paulo: Martins Fontes, 2005;
10. Rothe, Richard, *Durch welche Mittel können die der Kirche entfremdeten Glieder ihr wieder gewonnen werden*, In: *Gesammelte Vorträge und Abhandlungen*, Elberfeld: Friedrichs, 1886, pp. 129-147;
11. Seeberg, Reinhold, *Die Kirche Deutschlands im 19. Jahrhundert*, Leipzig: A. Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1910;
12. Troeltsch, Ernst, *Religiöser Individualismus und Kirche*, In: *Gesammelte Schriften*, Vol.2, Tübingen: Mohr, 1922, pp.109-133;
13. \_\_\_\_\_, *Die Mission in der Modernen Welt*, In: *Gesammelte Schriften*, Vol.2, Tübingen: Mohr, 1922, pp.779-804.